

Não havia mais homens

Imbodn oko taso

Cizino, Garcia e Barabadá Karitiana (*narração*)
Luciana Storto (*organização e tradução*)

1ª edição

hedra

São Paulo 2022

Como foi feito este livro

ÍRIS MORAIS ARAÚJO

KARIN VIVANCO

Em 1992, a linguista Luciana Storto iniciou sua pesquisa sobre a língua karitiana. Para poder estudar o idioma, ela gravou, neste e nos cinco anos seguintes, histórias tradicionais do povo Karitiana — mitos de origem, rituais e narrativas históricas. As histórias foram narradas por Pereira Karitiana, Barabadá Karitiana, Garcia Karitiana, Antonio Paulo Karitiana, Cizino Karitiana, Joana Karitiana e Nazaré Karitiana, alguns dos homens e mulheres mais velhos de então, tidos como conhecedores da arte verbal. Com o importante apoio de interlocutores indígenas mais jovens, os atuais professores Nelson Karitiana, João Karitiana, Luiz Karitiana e Inácio Karitiana, bem como de vários outros falantes da língua, foram feitas as primeiras transcrições e traduções do material.

Os linguistas trabalham transcrevendo e traduzindo as narrativas sentença a sentença. A passagem da fala para a escrita é o primeiro desafio colocado, já que em qualquer língua existem diferenças entre como se fala e como se escreve. Para chegar à escrita da fala, a maneira escolhida pela linguista foi ouvir cada sentença conjuntamente com os jovens karitiana com os quais trabalhou na transcrição e tradução, pausar o áudio, e ir decidindo o que permaneceria no texto transcrito e o que seria deixado de fora da transcrição. Este foi um modo de manter o conteúdo da narrativa e sua estrutura prosódica e artística, sem incluir os erros, hesitações e repetições não intencionais, naturais da fala ocorridas enquanto o falante busca na memória pelo próximo assunto a ser narrado.

QUEM PARTICIPOU⁵

Inácio Karitiana é licenciado em Educação Básica Intercultural pela Universidade Federal de Rondônia e professor da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Kity Pypdynipa.

João Karitiana é licenciado em Educação Básica Intercultural pela Universidade Federal de Rondônia e professor da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Kyōwã.

Luiz Karitiana é licenciado em Educação Básica Intercultural pela Universidade Federal de Rondônia e professor da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Kyōwã.

Nelson Karitiana é licenciado em Educação Básica Intercultural pela Universidade Federal de Rondônia e professor da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Kyōwã.

Valdomiro Karitiana é filho de Barabadá Karitiana. Ele acompanhou a linguista durante a gravação da história do encontro entre os dois grupos locais e auxiliou na transcrição e tradução.

Ivan Rocha é doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo e pesquisador visitante do Museu Paraense Emílio Goeldi, com bolsa do Programa de Capacitação Institucional do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Íris Morais Araújo é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e professora substituta da Universidade Federal do Tocantins.

Karin Vivanco é doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

5. Além dos narradores e organizadora do volume.

Para ler as palavras karitiana

Neste livro, foi adotada a ortografia elaborada pela linguista Luciana Storto, que coordenou um programa de alfabetização da língua karitiana desenvolvido junto à comunidade na década de 1990 e aprovado por ela em 1996, quando as convenções ortográficas foram registradas no material de apoio ao aprendizado da ortografia karitiana, que tem sido usado desde então no ensino de sua língua materna. Atualmente, o grupo vem discutindo a reformulação de algumas dessas convenções ortográficas.

VOGAIS

- /a/ como *a* em *até*
- /e/ como *e* em *mesa*
- /i/ como *i* em *idoso*
- /o/ como *o* em *hoje*
- /y/ como um som intermediário entre *i* e *u*¹

1. Esse som não possui um equivalente no português do Brasil. Para pronunciá-lo, se pode falar um *i* e, gradualmente, mover a língua em direção a um *u*. Quando a língua estiver em uma posição entre *i* e *u*, esta será a pronúncia do *y*. Os linguistas classificam esse som como uma vogal “central alta” e, a partir de um inventário internacional convencional de símbolos (o Alfabeto Fonético Internacional), transcrevem-no como um “i” tachado, o símbolo “i̇”.

saia

Não havia mais homens

tido de não²

e a uma
pulmão,

A história de Gokyp, o Sol O capítulo a seguir conta a história do Sol, uma das narrativas que compõem o repertório de mitos dos Karitiana. Nascido como uma criança muito quente, que parecia febril, ninguém conseguia chegar muito perto do Sol sem se queimar. As pessoas, preocupadas com o perigo que ele significava para a comunidade, pensaram em matá-lo. Cada vez mais quente, o Sol subiu pelo esteio de uma casa e foi para o céu, onde vive até hoje.¹

1. A narrativa aqui publicada foi contada por Garcia Karitiana para Luciana Storto, que a transcreveu e traduziu com Nelson Karitiana. Para esta publicação, o material foi editado por Íris Morais Araújo e Karin Vivanco. Uma primeira transcrição, glosagem e tradução desta narrativa foi publicada por Storto na *Revista Linguística* 15 (2019).

O Sol

Dizem que o Sol vivia antigamente
Dizem que o Sol começou sua existência como uma criança
Dizem que o Sol vivia

Então os homens disseram *O que é isso?*
Dizem que a vida começou como uma doença para ele
Dizem que a criança ficava cada vez mais quente

5

Esse aí está doente?, falava o seu pessoal
Seria semelhante a uma doença
Mas ele não estava doente realmente
Ele nunca esteve doente

10

Então dizem que o calor dele ficava cada vez mais intenso
O Sol era meio quente e foi ficando mais quente
Naquele momento, ele se tornaria o Sol

Então aconteceu
Ah, o que é isso?, diziam os homens
Aí, ele não existia mais
Então ele se tornou tão grande que não podia mais viver aqui
Ele se tornou enorme

15

Aí, dizem que o Sol não queimava mais só um pouco
Dizem que ele se tornou incandescente
Quando sua incandescência ficou insustentável, dizem que os
homens queriam matá-lo
Porque ele não era mais um ser humano

20

O Sol subiu para as alturas
Então o Sol ficou incandescente, incandescente de verdade
Assim, dizem, é que a história do Sol deve ser contada

ele

Gokyp

Pyry'a sarytyn keerep Gokyp
Ōwā horot taka'oot saryt Gokyp
Taaka andyk saryt Gokyp

Masōng *ti'a hỹ?*, iri'aj taso
Kinda oti horot taka'oot saryt ihot iaka
Okywyrā okywyrā okywyrā taaka saryt ōwā

5

A kinda otidna hỹ?, iri'a andyki ijiriso
Kinda oti horot iakaj
Ikinda otidni
Takinda otidna sogng iaki

10

Masong naakat okyp okyp ywytyty tat, iri'aj
Ty'in taakat iokyp pywytyri Gokyp
Gokyp pasanggam iakabman

Masong naka'a andyk
Āh ti'a tyka hỹ?, iri'aj taso
Masong imbodnoko
Atykiri iaka padnoko hak tatyty tykiri
Tyyty tat, iri'aj

15

Atykiri ipikyp owogoko saryty padni Gokyp
Napikybm saryt
I pikywyty tykiri, iatakipawyt tykiri napytyng saryt iokyty taso
Masong iaki padnoko

20

Napymbowak ity taso

A história do Lua, Oti O próximo capítulo conta a história do Lua, um homem chamado Oti. É uma importante narrativa que também compõe o *corpus* mítico dos Karitiana. Quando vivia entre os humanos, Oti teve relações sexuais não consentidas com a mãe e a irmã. Esta última descobriu que o irmão a visitava à noite, no escuro, após seguir a sugestão de seu namorado de passar tinta de jenipapo no intruso durante uma dessas relações sexuais. A mãe, por sua vez, foi forçada por Lua a ceder a seus desejos quando foram para a floresta buscar os frutos da palmeira patauí.¹ Após esses eventos, Lua subiu nessa palmeira e foi viver no céu. Contudo, antes disso, cortou suas próprias pernas, para que fossem sepultadas junto com seus objetos e decidiu que todas as mulheres, a partir de então, passariam a menstruar.²

1. *Oenocarpus bataua*, também conhecida por *patuí* ou *patoá*.

2. A narrativa de Oti foi contada por Garcia Karitiana para Luciana Storto, que a transcreveu e fez uma tradução preliminar. Para esta publicação, o material foi traduzido e revisado por Inácio Karitiana, Nelson Karitiana, Íris Moraes Araújo, Karin Vivanco e Luciana Storto.

O Lua

Assim, dizem, é que fez o Lua
O Lua vivia
O Lua era homem, também
Homem adulto

Então dizem que o Lua ainda vivia entre nós
Ainda estava vivo
Dizem que o Lua transou com sua irmã menor
Aí, ela pensou que ele era seu namorado
E ela permitiu que o Lua transasse com ela, a irmã do Lua

Então dizem que o namorado dela mexeu com ela
Transou com ela
Ah! Quem será?
Ela disse assim
Aí, o namorado veio na direção dela
Vem, disse o namorado dela
Você veio de novo?, ela disse

Ah! O seu namorado falou: *O que é isso?*
Ah! Não era você que veio antes?, ela disse
Eu ainda não vim com você. Por quê?, disse
Ele mexeu várias vezes comigo. Quantas vezes você já veio aqui

comigo?
Só agora mesmo eu vim aqui com você
Disse o namorado dela

Não é você que vem transando comigo?
Qual homem será?

Dizem que o Lua transava com a irmã. Ela foi a primeira filha
da mãe dele, foi a primeira dela
Então foi dormir

Aí, escureceu o dia
Antes de escurecer, ele viria
Veio

5

Então ela empurrou o jenipapo embaixo da rede dela
Ela deixou o suco de jenipapo preparado
Então dizem que o Lua foi na direção dela
Aí veio de novo e mexeu

10

Ah! Você chegou?, ela disse
Cheguei, disse
Você chegou, disse
Eu vim pra você, disse
Por que você sempre vem aqui comigo? É você mesmo?, disse
Sou eu mesmo, disse ele
Calma, disse
O que é isso?, disse o Lua.

15

Então dizem que pegou nela
Pegou várias vezes. Enquanto pegava, ela pôs a mão no
jenipapo

20

O sumo do jenipapo por cima
Passou várias vezes
Ela passou o sumo do jenipapo nele
Muito, ela passou

25

Então dizem que passou em cima do rosto dele; ela passou
Passou em cima do rosto dele

Ah!, disse, enquanto estava mexendo com ela
Então com o sumo do jenipapo preto

Passou o sumo do jenipapo no rosto dele
Dizem que foi assim

30

Depois que transou com a irmã

Tem patuá aqui, minha mãe. Vamos pegar, disse
Então dizem que ele andou bastante com a mãe dele,
enganando-a

Fez ela andar

Então diz que ele andou com a mãe dele

Andou, andou, andou. *Chegamos,* disse.

Lá está o patuá, disse

Tem aquele patuá lá, disse

Então esperou sua mãe

Minha mãe, disse

Tem muito micuim em mim, minha mãe, disse ele

Estou com micuim, minha mãe

Estou com carrapatos, minha mãe, disse ele

Você quer que eu cate, meu filho?, disse a mãe dele

Nisso, ela começou a catá-los

A mãe dele era inocente

Então vou fazer assim, ele pensou

Ele deve querer fazer alguma coisa ruim comigo, a mãe dele
pensou

Então catou micuim enquanto estavam no mato

Então dizem que catou muito micuim

Dizem que catou, catou e o Lua teve uma ereção

A mãe dele ficou constrangida

Sem graça, ela ficou

Então dizem que derrubou a sua mãe à força

Ela a pegou à força e ficou em cima dela

Ah! Você está fazendo uma coisa ruim, meu filho!, disse a mãe
dele

*Você está fazendo uma coisa que você realmente não deveria
fazer, meu filho,* disse

Não existe mais, ela disse

Nós nos deitamos, ele disse

Puxou o olho do patuá para subir

Aí ele disse: *Lá vai minha coxa, mãe!*

Lá vai minha coxa, minha mãe!

Ah! A mãe nunca pensou que ele faria isso

A mãe pensava que ele estava brincando

Então, dizem que cortou a coxa aqui

Serrou, serrou, serrou suas coxas

Então dizem que jogou as pernas; caíram

Ele soltou as pernas e elas caíram

As pernas dele caíram

Você fez uma coisa que realmente não deveria ter feito, disse a mãe dele

Aí disse: *Ah!*

Então dizem que o Lua subiu para o alto

Eu vou, ele disse

Com isso, você vai juntar minhas coisas, mãe

Então dizem que o Lua foi para o alto

Ele foi

Subiu dentro do patuá

Dentro do patuá, ele subiu

Então ele puxou o olho do patuá

Quando o Lua puxou olho do patuá, houve um estrondo

Parece que arrebentou o olho do patuá

Quando ele ia embora

Então o Lua foi embora

Então dizem que o Lua não viveu mais

Dizem que foi

Assim o Lua ficou lá em cima

É assim até hoje

Por isso o Lua está como é agora

Então por isso as mulheres todas vivem assim

Oti

Naka'a saryt Oti
Taaka andyk saryt Oti
Taso tyym naakat Otit
Taso sota

Masong naaka andyk saryt Oti tyym 5
Naaka andyk
Masong tapan'in ataso'y saryt Oti
Masong taojombakap akat takärät
Tampyso saryt Oti, Oti pan'in

Masong taojombakap akat takärät napyso pysodn andyk saryt 10
Tik tik, iri'a andyki isok
Äh! Morä iaka akadna hÿ?
Masong naka'at
Masong nayryt iojombakap pita ikyn
Yrydn, iri'aj iojombakap 15
Äh! ayryt oko hÿ?, iri'aj

Äh! Iri'aj iojombaka pita, ti'a hÿ?
Äh! An aka mini iyryt ykyn?, iri'aj
Äh! Yryty padni yn akyn yn. Ti'a hÿ?, iri'aj
Pyso pyso ka'at ysok. Tikat ayryt ahop aka ykyn? 20
Ho y'asot myrÿ'int ytayryt yn akyn yn
Iri'aj iojombakap

Äh!, iri'aj. An aka mini ysok ipyso tykat?, iri'aj
Mörä taso akamon hÿ?, iri'aj
Mörä taso akamon? Ysok ipysok pysok tykadn? 25

Masong naakat tēē, iri'aj

Tēē, moĵ ir i'aj go

Moĵ hā hā hā tee, kiit pymyrat iyryri i

Nayryt

Masong taeremby opi atip jykyt iri'aj kinda pasojoty

Tapymbangā pydn tyym i tajoĵ kinda pasojose

Masong nayryt saryt Oti ikyynt

Nayryt okotyn, pymbak iri'aj ipyp

5

Āh! Ayryt hỹ?, iri'aj i

Yryt yry, iri'aj

Apyryryt my'anan, iri'aj

Akyyn ytayryt yn, iri'aj

Masong yryt pa'in pitat masong aka hỹ? An pita mon jo hỹ?

iri'aj

Yn naakat, iri'a omaĵ i

Jo'a, ko'āĵty, iri'aj

Masong ti'ahỹ?, iri'a'om andyki Oti

10

15

Masong napy so saryt isok tik, iri'aj

Napysot isok, tasok ipyso tysypy'oot pymbak

Kinda pasojose okyp

Pymbak pymbak ko'āĵty

Apip pymbak kinda pasojose sety

Pitat, iri'aj

Masong napymbak saryt iasok okyp; pymbak, iri'aj

Pymbak iasok okyp taambyyk

Āh!, iri'aj. Atykiri napyso andyk isok pysodn, iri'aj

Masong kinda pasojose eem tyyt

Ihōroni padnoko iasok tapymbagng tykiri kinda pasojose

Atykiri nakatata'om andyk saryt

Tapan'in so'y byyk

Masong nakatat

20

25

30

Haabm iri'aj go

Hodn naakat ho ewy yti, iri'aj
Ewy kat ho, iri'aj
Masong naso'akyn tatity

Yti, iri'aj
Syyt ako naakat ysok yti, iri'aj
Hirā andyka ysytyt yti
Ororojoty yti, iri'aj

5

Masong napimbopo'om, h̄y y'et?, iri'a andyki iti
Apip napimbopo'oot i

Iti isikinim iti

10

Kahyt tam'a tykat, irikāraĵ

Tapynsoatyk tykaty, irikāraĵ iti

Masong napimbopo'op gaat tanakymbity

Masong napimbopo'op saryt pimboop, pimboop, pimboop,
iri'aj

15

Pimboop pimboop apip nasoewat Oti

Kary tati kyry kyri

Tati kyry kotat, iri'aj tatity

Masong naōk o saryt tati

Pak pygng ojdñ iri'aj tati okyp

20

Āh! Sarawak pitat 'a tyka ano y'i, iri'aj iti

Kinda am'aki pita an nam'a tyka ano y'i, iri'aj iti

Mo ari'aj myn i, iri'aj i

Nakakat yjxa kaki daki yjxa, iri'aj

Asikina my'ana ano, iri'aj iti

25

Apirip napyso saryt tatisok

Ajyk ajyk pak, iri'aj

Kinda am'aki pita na am'a tyka ano asikina my'ana ano, iri'aj iti

Ari'aj, i 'a'omaj mo ari'aj, iri'aj i

Kat yta aka daki yn, iri'aj

30

Aty kiri ko'ājty, yn naka'ot andyki yn mo, iri'aj

Yn nakaora andyki ewy yn, iri'aj

Iri'aj isa'ep 'ot 'ot
Kinda am'aki pita an nam'a tyka ano y'ii, iri'aj iti
Atykiri *Āh*, iri'aj

Atykiri naa mbot saryt ohyn Oti
Atykiri ypyrytat andyki yn, iri'aj 5
Kahy okyp anamboji akinda yti, iri'aj
Atykiri nakatat saryt Oti ohyn
Katarantyn 'a
Naambot ewy kypip
Ewy kypip taambot tykiri 10
Ewy ombet ata atej saryt
Masong natej ewy ombet tyryyt taadn yjasat iri'aj
Kyyj yjasat iri'aj ewy ombetety
Katat tysypy'oot

Masong naka tat Oti 15
Atykiri imbodnoko saryty padni Oti
Pyrytat sarytyn
Atykiri naakat ohyn Oti
Kata'a tyka tyym
Atykiri naka'a tyka kahorot Oti 20

Atykiri mah orot naka'a gidn jonso tyym
Mata agngi tyym naka'at kahorot tatyym kat jonso byki akaty
Atykiri naka'ooto 'oot jonso sara, jonso som
Nakakii'oot kahyt jonso
, naka'a
Kahyt koro'op, ikoro'op araki Botyĵ koro'op naakat 25
Ikiipadna padni jonso kahyt kiikit
Takipi tyym tyym kakiit jonso
Atykiri nakam'at kat Botyĵ
Atykiri naakat kahyt Oti
Kahyt jonso bykiipat, kahyt yjtakiipat masong nakam'oot 30
kahyt Oti

Antes do menino caçar e se casar A próxima história é sobre *Osiip*, um ritual de iniciação masculina que não é mais realizado pelos Karitiana. A geração atual de homens mais velhos, porém, vivenciou o ritual.

O menino, antes de começar a caçar e poder se casar, precisava perfurar os ninhos de diferentes tipos de vespas e tomar banhos de plantas importantes para o grupo. Nesse período, o iniciado precisava também fazer uma reclusão alimentar e manter um comportamento reservado, tudo sob supervisão de um homem mais velho, geralmente seu pai.

A narrativa de *Osiip* foi contada por Cizino Karitiana, o último pajé do povo até o presente momento, para sua família estendida e Luciana Storto, que a transcreveu e traduziu com Nelson Karitiana, João Karitiana, Luiz Karitiana e Inácio Karitiana. Quando, na narrativa, Cizino se dirige a um interlocutor, está falando a seu filho mais velho que ainda não se casara, para explicar que o ritual teria sido necessário no passado quando ele fosse se casar.¹

1. Para esta publicação, o material foi editado por Luciana Storto e Ivan Karitiana. Uma primeira descrição do ritual e análise linguística do uso da arte verbal nesta narrativa foi publicada em 2019 por Luciana Storto em *Línguas Indígenas: tradução, universais e diversidade*, através da editora Mercado de Letras. A versão publicada aqui tem um número diferente de sentenças, pois o critério usado nesta é prosódico e naquela era sintático, mas a divisão da narrativa em partes permanece a mesma.